

Entrevista

PROFESSOR WOLFGANG BENZ

Francisco Carlos Teixeira Da Silva¹
Felipe Azevedo Cazetta²

Recebido em: 29/11/2023
Aprovado em: 27/12/2023

Professor Wolfgang Benz, historiador alemão, nascido em 9 de julho de 1941 (82 anos), foi o criador e diretor do “Zentrum für Antisemitismusforschung”, da Universidade Técnica de Berlim, entre 2009 e 2011. Formou-se em História e Ciência Política nas Universidades de Frankfurt, Kiel e Munique, onde trabalhou no “Instituto de História Contemporânea”, desenvolvendo novos temas e abordagens do Nacional-Socialismo e dos fascismos em geral, que mereceram uma ampla revisão e aprofundamento dos métodos de estudo. Foi Professor da Universidade de Sidney, na Austrália, visitou o Brasil por convite da UFRJ/Instituto Goethe e o DAAD, onde fez várias conferências sobre temas inéditos nos estudos dos fascismos. O Professor Wolfgang Benz recebeu e orientou vários estudantes brasileiros na Alemanha, via o Convênio Capes/DAAD.

Recebeu o prestigioso Prêmio Geschwitzer Scholl – nome dos irmãos resistentes alemães Sophie e Hans Scholl, executados pelo Regime Nacional-Socialista em 1943 e o “Prêmio Das polistische Buch”, da Fundação Friedrich Ebert, pela contribuição aos estudos dos fascismos. O Professor Benz manteve uma permanente postura crítica às tentativas de “nacionalização” ou “apropriação” do Holocausto por países e grupos, em especial após o fim do “socialismo real” na Europa Central e de Leste, insistindo no caráter “internacional” e exemplar para o conjunto da Humanidade do horror nazista. Nos últimos anos de sua gestão do “Centro de Estudos do Antisemitismo”, foi um crítico a expansão da “Islamofobia” nos países

¹ Professor titular aposentado de História Moderna e Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: chicotempo@uol.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3925-7327>.

² Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Montes Claros. Correio eletrônico: felipecazetta@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2110-7531>.

do Leste europeu e apontou graves consequências da má avaliação da expansão dos novos racismos na Europa e no Mundo.

Dentre suas principais obras, podemos citar: Was ist Antisemitismus? ("O que é o Antissemitismo?") Bundeszentrale für politische Bildung. Bonn 2004; Herrschaft und Gesellschaft im nationalsozialistischen Staat. Studien zur Struktur- und Mentalitätsgeschichte. ("Poder e Sociedade no Estado Nazista. Estudos sobre História das Estruturas e Mentalidades). Fischer, Frankfurt. 1990; The Holocaust: A German Historian Examines the Genocide. Columbia University Press, 2000; Encyclopedia of German Resistance to the Nazi Movement. Continuum International Publishing Group, 1996.

Como pensar hoje o intenso retorno dos debates sobre a natureza do fascismo?

Professor Benz: A grande distância temporal ao fascismo histórico faz parte da tentativa de explicação para tal retorno. As consequências e efeitos do fascismo já não são sentidos pelas novas gerações e, infelizmente, não há lições abstratas da História. Para os nascidos depois da Segunda Guerra Mundial, a ideologia do nacionalismo extremista, com o desenvolvimento do poder por meio da violência, a exclusão de minorias "indesejadas", os delírios racistas de superioridade são, novamente, atraentes. Não vejo os debates científicos atuais, como a "Querela dos Historiadores" na Alemanha nos anos 1980³, como a causa da atualidade do debate, mas sim a situação política atual - dificuldades econômicas, o retorno do medo existencial, sentimentos de insatisfação e frustração com os governos, o afastamento da Democracia e resultando na aparentemente "nova" atratividade da ideologia fascista.

³ "Querela dos Historiadores" ("Historikerstreit") sobre a natureza do nazismo havida na Alemanha nos anos iniciais da década de 1980 envolvendo historiadores e filósofos, deslanchada pelo Historiador Ernst Nolte ao procurar "encerrar o passado da Alemanha" e "normalizar" o Holocausto comparando-o com outros eventos brutais, como o Stalinismo. Nolte pedia, assim, o encerramento de "um passado que não passa" e que seria um ônus para a moderna Alemanha. Contra tal processo de normalização da brutalidade ergueram-se outros historiadores e filósofos como Jürgen Habermas. Ao lado de Nolte estavam o jornalista Joachim Fest e os historiadores Andreas Hillgruber, Klaus Hildebrand, Rainer Zitelmann, Hagen Schulze e Michael Stürmer. Na postura contrária, opondo-se ao que chamavam de "normalização" do Holocausto, estavam, além do filósofo Jürgen Habermas, os historiadores Hans-Ulrich Wehler, Jürgen Kocka, Hans Mommsen, Martin Broszat, Heinrich August Winkler, Eberhard Jäckel e Wolfgang Mommsen. Karl Dietrich Bracher e Richard Löwenthal defenderam uma postura de compromisso. Daí a importância de crítica aos conceitos "guarda-chuva", como utilizados durante a Guerra Fria, comparando diferentes sistemas de poder como sendo todos igualmente "Totalitários". A maioria dos historiadores, na contramão de Nolte, insistiram que o Holocausto não deveria ser comparado a outros genocídios contemporâneos. O debate foi reaberto no ano 2000 quando Ernst Nolte foi agraciado com o "Prêmio Konrad Adenauer para a Ciência".

Quais seriam, sem dúvida, os casos/países dos chamados fascismos "históricos" - os que realmente existiram entre 1922 e 1945?

Professor Benz: Os regimes fascistas nos quais a ideologia era praticada existiram como cultura “pura” na Itália e na Alemanha, como também na Eslováquia e na Croácia. Variantes com racismo praticado de forma menos violenta ou sem a ânsia de expansão territorial da Alemanha e da Itália, existiram, por sua vez, na Hungria e na Romênia, e por mais tempo persistiu na Espanha e em Portugal. Deve-se notar também que houve movimentos fascistas em toda a Europa e América do Sul, alguns dos quais desenvolveram suas próprias variantes de exercício do poder e desenvolveram sua própria atratividade, como na Argentina ou no Chile.

A distinção entre "Movimentos Fascistas" e "Regimes Fascistas" - isto é, quando os fascistas estão de fato no poder - é ainda válida para os propósitos dos estudos sobre novos fascismos?

Professor Benz: A distinção entre Movimentos Fascistas (como existia, por exemplo, na Grã-Bretanha, Holanda ou Noruega) e Regimes Fascistas é sem dúvida necessária e correta. No entanto, o problema central parece-me ser a observação da respectiva sociedade estudada, as afinidades com a ideologia do fascismo e a vontade de aceitá-la por seus membros.

É possível refletir sobre a distinção entre “Fascismos Históricos” e “Fascismos Contemporâneos ou Atuais”?

Professor Benz: Claro, as atuais tendências fascistas e os movimentos fascismos devem ser comparados com as formas do fascismo histórico e seus regimes. O quadro de referência consiste na experiência histórica. Ao mesmo tempo, devo alertar contra a denúncia precipitada de estruturas autoritárias ou eventos fenomenológicos como o “renascimento” do nacional-socialismo de Hitler ou o fascismo de Mussolini. Neste sentido considero, portanto, a teoria do totalitarismo um erro fatal.

É possível que formas fascistas sejam vitoriosas hoje em países não europeus, como é o caso de Bolsonaro no Brasil ou mesmo de Trump nos Estados Unidos.

Professor Benz: Ideologias e estruturas fascistas me parecem tão bem-sucedidas hoje em países não europeus em razão da falta de experiência, nestes países, com os regimes fascistas realmente existentes e suas terríveis consequências. Isso se aplica aos seguidores de Trump nos EUA, bem como ao regimento de Putin na Rússia. A outrora luta conjunta dos EUA e da União Soviética contra o fascismo hitlerista nem suavizou as diferenças entre as duas nações e sua constituição social, nem impediu a atratividade posterior do pensamento e da ação fascista para as gerações posteriores. As transições suaves de estruturas autoritárias para fascistas devem ser levadas em consideração. Isso se aplica tanto aos conservadores quanto às sociedades de esquerda.

